

revista **PRIMAX**
eletrônica

OBRAS DE GUIDO BILHARINHO
ARTE E CULTURA

UBERABA/BRASIL
FEVEREIRO 2022

Nº 12

EDITOR
GUIDO BILHARINHO
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
GABRIELA RESENDE FREIRE

PRIMAX 12

SUMÁRIO

QUESTÕES

Sócrates, Autor de Autoajuda? 5

LITERATURA

Obra-Prima Picaresca

Memórias de Um Sargento de Milícias (1855) 13

CINEMA

Obras-Primas de Christensen e Flaherty

Häxan – A Feitiçaria Através dos Tempos (1921) 18

Nanook, o Esquimó (1922) 23

SELEÇÃO DE FILMES

Melhores Filmes Projetados em Uberaba de 1962 a 1981 27

FICÇÃO

mistério - II 46

POESIA

desilusão 50

INDICAÇÕES

Grandes Cineastas (IV) 52

Seis Cineastas Brasileiros

Lançamentos:

Filmes de Todo o Mundo 53

Terra Madrasta – Um Povo Infeliz 54

Nexos 3 55

Blogs Culturais 56

ESTE E NÚMEROS ANTERIORES NO BLOG

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

E-MAIL

guidobilharinho@yahoo.com.br

“A ARTE É UMA CONFISSÃO DE QUE A VIDA NÃO BASTA” – FERNANDO PESSOA

ABSTRACT

Issues

Socrates, Self Help Author?

Was the so-called Socrates really a philosopher or just a talented personal advisor and behavior and conduct guide like many of the current self-help authors? This is the question proposed and developed in the text, conclusively.

Literature

Picaresque Masterpiece

In an environment totally dominated by the romantic fictional, surprisingly emerges the masterpiece *Memórias de Um Sargento de Milícias* (Memoirs of a Militia Sergeant, 1855), by Manuel Antônio de Almeida, of picaresque tendency, which is so unique and advanced, remains for more than a century as isolated example of the genus.

Cinema

Masterpieces by Christensen and Flaherty

Häxan – A Feitiçaria Através dos Tempos (O Xan, Suécia, 1921), of Benjamin Christensen, documentary focuses on the terrifying action of the Catholic Inquisition in this processes of investigation, torture and execution of millions of people during the dark centuries of the European Middle Ages.

Where nature presents itself to the highest degree inhospitable, eskimo civilization flourishes, object of Robert Flaherty's masterpiece, *Nanook, O Esquimó* (Nanook of the North, EE.UU.,

1922), in which nature and human beings are so integrated that is inhabitants are considered the “*most all-round people in the world*”.

Movie Selection

Best Films Projected in Uberaba From 1962 to 1981

Started when the Cine Club of Uberaba was still in operation, the Selection of the Best Films of the Year, published annually in the local press, continued until 1981.

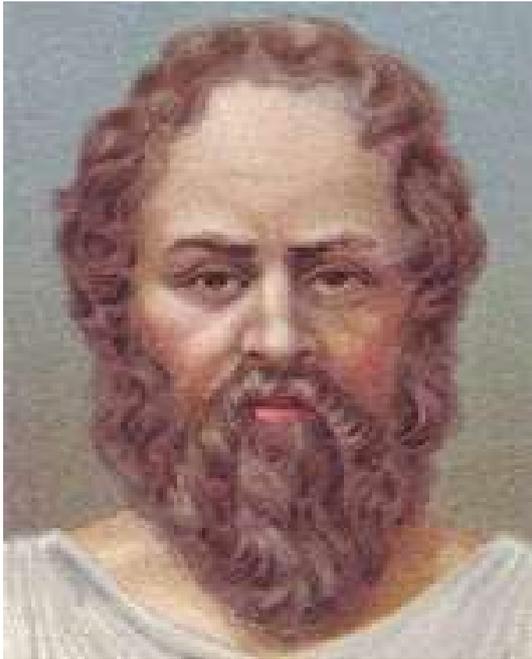
AUTHORIZATION

Authorized the free publication and, where appropriate, translation of texts in this magazine, indicating the authorship.

(for Google)

Questões

SÓCRATES, AUTOR DE AUTOAJUDA?



SÓCRATES

Sócrates é tão considerado, que a filosofia grega é dividida em dois períodos capitais, o dos filósofos pré-socráticos e o dos que se lhe seguiram.

Aqui, não se vai adentrar o conteúdo, a natureza e a importância do que se convencionou denominar de seu pensamento filosófico, mesmo porque Sócrates não deixou obra

escrita, conhecendo-se o que disse por intermédio de Platão e de Xenofonte. Se é que o disse, pois, em Platão ele é mais ou tão-somente personagem. Justamente aquela encarregada de expor o que Platão pensa e externa nos diálogos entabulados com outras personagens. Não sem razão, Antônio Medina Rodrigues afirma: *“Platão é o fundador do idealismo filosófico e criador da lógica e do conceito. Era uma figura de estatura própria, um gênio que se não podia medir pela essência específica dum Sócrates, um pensador que forja teorias: teorias que nos seus diálogos transfere para Sócrates, com liberdade de artista”* (“A

Questão Socrática”, *Folha de S. Paulo*, 04 março 1988). Se assim não fosse, não existiria o Platão filósofo, o Platão autor, mas, apenas mero transmissor de ideias e conceitos de outrem, mesmo porque não há condições e nem possibilidade humana de se memorizar tudo o que é atribuído a Sócrates (e também a Cristo).

Assim, quando Aristóteles, por exemplo, se refere a Sócrates em *A Política* (livro segundo, cap. I, § 02; livro quinto, cap. VII, § 08 e 11; livro sexto, cap. III, § 12; livro oitavo, cap. X, § 01 a 06), comenta e contraria não a Sócrates, mas, à personagem criada por Platão para expor sua utópica República. Não



PLATÃO

por menos José Cavalcanti de Sousa aduz que “a cidade platônica se lê de corpo inteiro nas páginas da República, a obra, se não a principal, sem dúvida a mais representativa do filósofo Platão” (“A Cidade Platônica”, *Folha de S. Paulo*, 04 março 1988).

Apenas em duas obras registra-se expressamente que os textos nelas publicados são de autoria de Sócrates: *Defesa de Sócrates*, onde Platão apresenta o que ele teria dito em seu julgamento, e *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*, livro no qual Xenofonte relembra os diálogos que Sócrates manteve com inúmeros interlocutores.

Contudo, em ambas essas obras, têm-se não o pensamento e as reflexões de um filósofo, mas, de conselheiro e orientador de

comportamento, ou seja, praticamente aquilo que se pode denominar hoje de autoajuda.

Ele mesmo o diz, em sua defesa, segundo Platão: *“outra coisa não faço senão andar por aí persuadindo-vos, moços e velhos, a não cuidar tão aferradamente do corpo e das riquezas, como de melhorar o mais possível a alma, dizendo-vos que dos haveres não vem a virtude para os homens, mas da virtude vêm os haveres e todos os outros bens, particulares e públicos”* (*Defesa de Sócrates*, in *Sócrates*, coleção “Os Pensadores”. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 15).

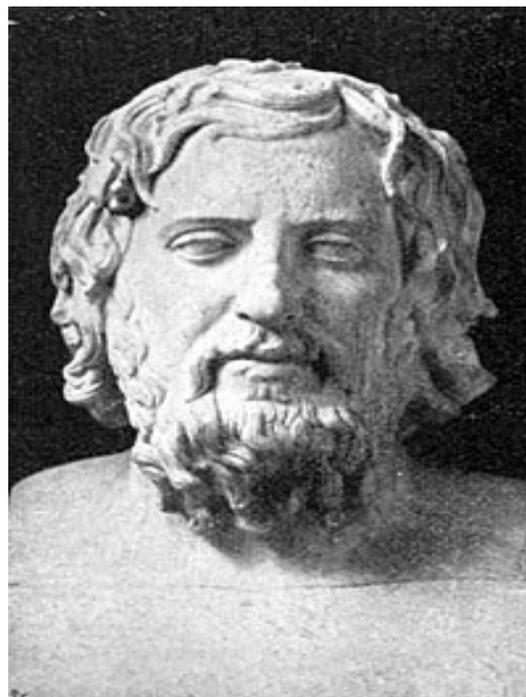
Isso, como pai ou irmão mais velho, como proclama: *“dirigindo-me sem cessar a cada um em particular, como um pai ou um irmão mais velho, para o persuadir a cuidar da virtude”* (*op. cit.*, p. 16).

Além do mais, fazendo-o, como afirma, *“por uma determinação divina, vinda não só através do oráculo, mas também de sonhos e de todas as vias pelas quais o homem recebe ordens dos deuses”* (*idem, idem*, p. 18).

Até aí, pois, nada de filosofia. Muito menos, ainda, nos inúmeros diálogos mantidos com terceiros nos *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*, de Xenofonte.

Tem-se, então, apenas aconselhamento comportamental e não transmissão de ideias e conceitos filosóficos.

O próprio Xenofonte aduz que “*enquanto conviveram com Sócrates, tanto Crítias como Alcibíades puderam, graças ao seu auxílio (sic), sopear as más paixões*” (op. cit., p. 39), apresentando, em sua obra, “*como se portava [Sócrates] em face do beber, do comer e dos prazeres dos sentidos*” (idem, p. 47).



XENOFONTE

Nada, como se observa, concernente à filosofia e conhecimentos afins.

A respeito do diálogo mantido por Sócrates com Aristodemo, Xenofonte conclui que “*assim falando, Sócrates ensinava seus discípulos a se absterem de toda a ação ímpia, injusta e reprovável*” (idem, idem, p. 51).

Sócrates exorta seus interlocutores a cultivar a temperança (p. 53), a se desviar da fatuidade (p. 57), de que “*não há mais belo caminho para a glória que um homem de bem ser o que realmente deseja parecer*” (p. 57) ou “*nada haver mais perigoso para um homem que dar-se por mais rico, mais forte, mais corajoso do que realmente é*” (p. 57).

Além disso, “*Sócrates afazia seus discípulos à abstinência em face da boa carne, do vinho, da lubricidade, do sono, e à resistência ao frio, ao calor, à fadiga*” (p. 61), ao respeito aos pais (p. 67), à amizade (p. 71, 75 e 77) ou que “*as almas tacanhas*

compram-se com presentes. As almas generosas conquistam-se com mostras de amizade” (p. 72).

No decorrer de seus diversos diálogos, Sócrates aconselha, exorta e opina sobre série de questões, comportamentais a maioria, como trabalho, estudo, saber, participação política, coragem, inveja (“*apelidando invejosos os que se afligem com a felicidade dos amigos*”, p. 118), ociosidade, má constituição física e fortalecimento do corpo por meio de exercícios, grosseria, viver com moderação, presunção, bens e males, felicidade, justiça, prática do bem, sabedoria, coragem, piedade, beleza, utilidade dos conhecimentos, etc..

O que caracteriza mais fortemente a pregação socrática é, pois, a felicidade das pessoas e a utilidade das atitudes e comportamentos, princípios básicos da autoajuda, sendo sua própria existência e pregação balizadas por essas diretrizes, a ponto de Xenofonte observar que “*tão útil era Sócrates em todas as ocasiões e de todas as maneiras, que até as inteligências medíocres facilmente compreendiam nada haver mais vantajoso que seu comércio e frequência*” (*op. cit.*, p. 133).

Na introdução ao volume sobre *Platão* da coleção “Os Pensadores”, reconhece-se por isso, que Sócrates “*se preocupava antes com o desencadeamento do conhecimento de si mesmo e não propriamente com definições de conceitos*” (p. XI), sendo que filosofar é principalmente definir, conceituar, teorizar.

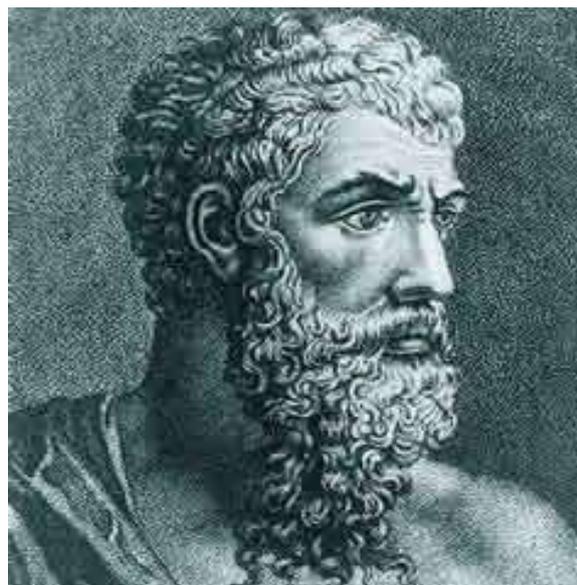
Já nos diálogos platônicos de *O Banquete* e *Fédon*, por exemplo, nos quais Sócrates é personagem e discorre longa e largamente sobre diversas questões perspectivadas teórica e

genericamente, percebe-se sua diametral diferença com os diálogos simples colhidos por Xenofonte, que pretende o mais possível ser fiel às palavras socráticas (*“Como Sócrates me parecia ser útil a seus discípulos, já pelo procedimento, já pela palavra, eis o que passo a relatar, alinhavando o melhor que possa minhas recordações”*, p. 45).

À evidência, conforme registrado nos estudos respectivos, essa diferença demonstra que o Sócrates dos diálogos platônicos é tão só Platão, que desenvolve teorização própria em conteúdo e profundidade conceitual muito além da exposta nos diálogos socráticos de Xenofonte.

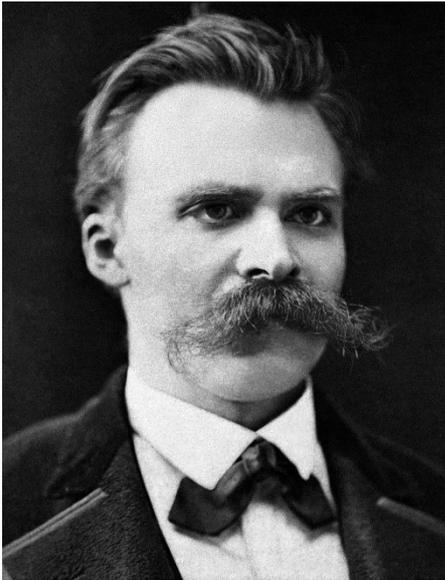
*

Por sua prática conselheiral contumaz, Sócrates é ridicularizado por Aristófanes em *As Nuvens* (constante do mesmo volume da coleção citada), a ponto do Coro, dirigindo-se a ele, apodá-lo de *“sacerdote de tolices sutilíssimas”* e acusá-lo de que *“se pavoneia pelas estradas, lança os olhos de lado, anda descalço, suporta muitos males, e, por nossa causa, finge importância”* (versículo 360, p. 184), até atingir a vexaminosa passagem ínsita entre os versículos 385 a 395 (p. 196).



ARISTÓFANES

*



A natureza de autoajuda da militância e prédica de Sócrates foi observada e inferida por Nietzsche, quando afirma que Sócrates *“viu o que estava por trás de seus atenienses nobres; compreendeu que seu caso, a idiosincrasia de seu caso, já não era mais um caso excepcional. A mesma espécie de degenerescência se preparava por toda parte em silêncio: a velha Atenas caminhava para o fim. E Sócrates entendeu que todo mundo necessitava dele – de seu remédio, sua cura, seu artifício pessoal de autoconservação... Por toda parte os instintos em anarquia; por toda parte se estava a cinco passos do excesso [...] Quando aquele fisionomista [Zópiro, considerado criador do método fisiognômico, segundo Rubens Rodrigues Torres Filho] revelara a Sócrates quem ele era, um antro de maus apetites, o grande ironista deixou escapar uma palavra, que dá a chave para entendê-lo. “Isso é verdade”, disse ele, “mas eu me tornei senhor sobre todos eles”. Como se tornou Sócrates senhor sobre si? Seu caso era, no fundo, apenas o caso extremo, aquele que mais saltava aos olhos, daquilo que naquele tempo começava a se tornar a indignância geral: que ninguém mais era senhor sobre si, que os instintos se voltavam uns contra os outros. Ele fascinava por ser esse caso extremo – sua amedrontadora feiúra enunciava esse caso para cada olho: ele fascinava ainda mais fortemente, como é fácil entender, como*

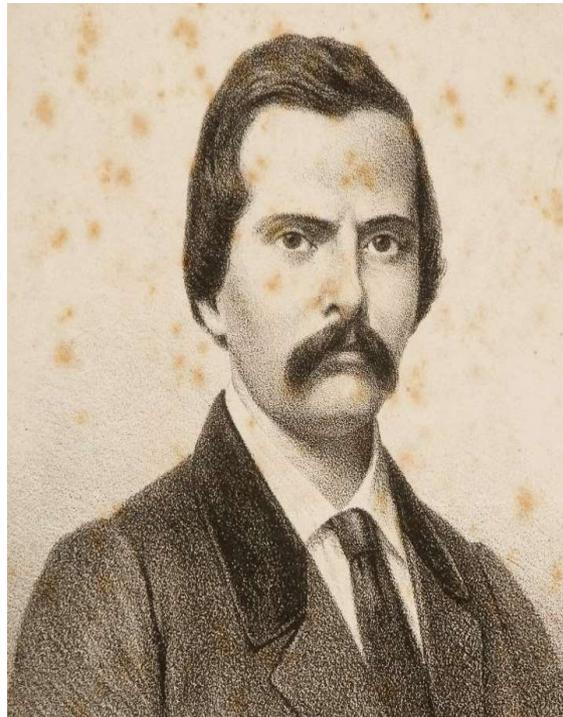
resposta, como solução, como aparência de cura para esse caso [...] ele parecia ser um médico, um salvador.” (Crepúsculo dos Ídolos, § 9 e 11, in Nietzsche, coleção “Os Pensadores”. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 330).

(do livro eletrônico *Razão e Circunstâncias*, outubro 2018; e do livro físico *Temas Atuais na Pesquisa Acadêmica Brasileira – II*, 2021, organizado por François Ramos)

Literatura

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS O Espírito Carioca

“*Era no tempo do rei*”. Essa frase genial dará, de início, o tom do livro. Com ela, Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) inicia *Memórias de Um Sargento de Milícias* (1855), que, em pleno romantismo, inaugura nova vertente do romance brasileiro, a picaresca, que, dadas as peculiaridades e dificuldades de sua elaboração, permanecerá fenômeno isolado (e destacado).



MANUEL ANTÔNIO DE
ALMEIDA

Tudo isso – e muito mais – já se disse e repetiu a respeito da obra, que, face à sua limpidez e transparência, não exige interpretações complexas, tão a gosto da certa casta de comentaristas e de posicionamentos intelectuais preciosistas.

Não se trata, evidentemente, não apenas em relação a ele – mas à toda produção artística – de cercá-lo e alcandorá-lo sob

teorética exacerbada, senão de analisá-lo e situá-lo, independentemente de seu tempo, na escala de valores literários.

Por sua vez, esse romance contém, simultaneamente, qualidades inexcitáveis de narratividade, humor, observação e flexibilidade mental quanto de fragmentação estrutural.

A Narrativa

Poucos livros existirão de fluência narracional tão espontânea quanto exímia, fluindo e formatando a estória.

Raros também transpõem para a ficção os usos e costumes do período do rei (d. João VI), ou de qualquer época, quanto ele.

A preocupação documentária – confessada pelo autor – que em outras mãos poderia empanar ou mesmo esterilizar o brilho da linguagem (no caso, considerável), nas de Manuel Antônio de Almeida casa-se perfeitamente com seu estilo desenvolvido, pleno de humor e satisfação de exercitá-lo a cada capítulo, parágrafo ou frase.

Antes do prazer da leitura que provoca, o romancista, pleno de verve e alegria, demonstra a cada passo sua satisfação em escrevê-lo.

Cada incidente e seu comentário rescendem visão otimista e positiva da vida, que nem os episódios mais tristes ou confrangedores obscurecem ou prejudicam.

Nele tudo é visto (construído e narrado) sob ótica benfazeja, de raros exemplos nas artes e fora delas, preservando, contudo,

exata percepção da natureza e sentido dos fatos e acontecimentos.

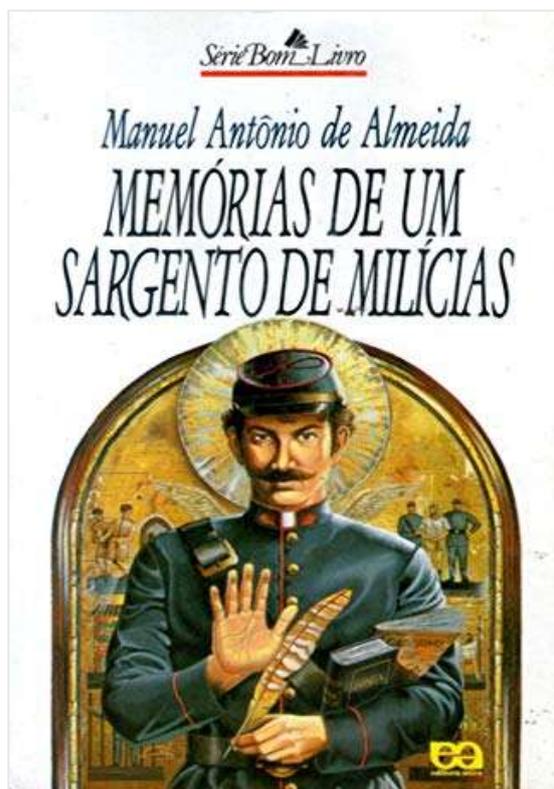
E os fatos sucedem-se ininterruptamente, em verdadeira catadupa, de início ao fim do romance, sempre com acontecimento novo ou diverso a cada capítulo, criando e mantendo – não obstante, ou até por isso – narração vivaz, tensão contínua e renovada expectativa.

Nenhum feito ou incidente fica sem explicação ou, quando desnecessária, sem comentário, o mais apropriado e propositado possível.

É todo um espelho panorâmico do Rio de Janeiro do início do século XIX, com suas crenças, festas e práticas religiosas, mas, principalmente, com sua mentalidade popular, que é forjado com têmpera, graça e bonomia.

Além do estilo fluente e brilhante e da maneira ágil e hábil de narrar, os fatos narrados são todos interessantes e, principalmente, importantes na trajetória vivencial de suas personagens, notadamente dos protagonistas Leonardo Pataca e Leonardo seu filho, este o sargento de Milícias.

Cada capítulo é tecnicamente composto de um desses fatos interessantes. Quando, em si, não o é, o autor sabe



aviventá-lo e descontraí-lo, tornando-o atraente, a exemplo do capítulo 17, simples (mas, como sempre, expressivo) diálogo entre dona Maria, a vizinha, a comadre e o barbeiro.

Aliás, como todos os acontecimentos narrados ou diálogos articulados, sempre com alguma consequência.

Entre os fatos mais importantes, alinhados e contextualizados cronologicamente, salientam-se, entre outros também significativos: parto, rapto, intriga, falecimentos, desentendimentos, brigas, conhecimento de novas pessoas, prisões, casamento, fuga de prisão, ciúmes, discussões, assédios amorosos.

Usos e Costumes

Um dos principais objetivos do romancista, depois da elaboração da própria obra, é resgatar e fixar os usos e costumes do tempo do Rei, entre eles, principalmente, as festas religiosas com inserção nelas dos protagonistas, pois, do contrário, não teriam sentido em frequentar obra ficcional.

Assim, desfilam, sempre por meio de vivas descrições, a festa do Espírito Santo (cap. 19), espetáculo de foguetes ou “noite do fogo”, como era conhecida (cap. 20), a prática dos mestres de reza (cap. 27), a ocorrência de agregados nas casas (cap. 33), festas, fandangos, súcias e outros cometimentos do tempo, com os quais o povo passava e distraía a vida, entremeando seu cotidiano com recreações e folguedos.

As Personagens

Sobressai, entre todas as personagens, a figura de Leonardo, com as bênçãos e simpatia do romancista, sem prejuízo, sempre, da isenção que o distanciamento demiúrgico permite.

Vidigal, o chefe da polícia, destaca-se por sua personalidade, empenho e prática profissional, além de onipresente em todo o Rio de Janeiro, àquele tempo ainda pequena aglomeração humana.

O compadre e a comadre constituem figuras excelsas e paradigmáticas da média dos cidadãos, pensando e agindo de conformidade com parâmetros medidos e comedidos, nos quais o bom senso, a simpatia e a bondade destacam-se e impõem-se.

A Estrutura

A sucessão de fatos e acontecimentos não se estrutura em decorrência uns dos outros em articulação de causa e efeito. Cada circunstância e cada ocorrência inicia-se, desenvolve-se e é finalizada independentemente, tendo o protagonista como eixo referencial, de quem a narrativa colhe a ação e distende a atuação.

(Inédito)

Cinema

HÄXAN - A FEITIÇARIA ATRAVÉS DOS TEMPOS Os Terríveis Predecessores

O limite para o cinema, já se disse, é o da imaginação e do conhecimento humano. Tudo se pode nele reconstituir, construir e criar. Não, porém, como simples descrição verbal, mas, com o exato (e, evidentemente, ilusório) equivalente das coisas concretas e imaginárias, por mais estranhas, complexas e extravagantes sejam.

No início da década de 1920, quando o cinema apenas completava 25 (vinte e cinco) anos de existência e ainda nem tinha descoberto e exercitado todas suas possibilidades técnicas e criativas, na Suécia o cineasta dinamarquês Benjamin Christensen (1879-1959) propõe-se a reconstruir, criando, o assoberbante imaginário religioso medieval no



CHRISTENSEN

semidocumentário *Häxan - A Feitiçaria Através dos Tempos* (O

Xan, Suécia, 1921), alternando montagem ficcional com documentação.

A cognominada feitiçaria não passava, como se sabe, de fenômenos clínicos de histeria feminina, aos quais a ignorância e os preconceitos e não menores sectarismo e fanatismo religiosos atribuíam associações diretas com o diabo.

Conhecendo-se, mesmo que condicionadas, manipuladas e superficialmente como se conhecem, as origens e práticas iniciais do cristianismo, não se poderia imaginar, assistindo a esse e a outros filmes, como *O Judeu* (Brasil/Portugal, 1995), de Jom Tob Azulai, a que ponto chegaram sua distorção e domínio no período do medievo europeu e, em alguns países, como Portugal e Espanha, até além dele.

Por força de poder temporal, espiritual e mental absoluto e incontrastável, exercido com mão de ferro durante séculos, a Igreja Católica manietou a inteligência, cerceou a criatividade e esmagou sob seu guante a liberdade e a independência dos seres humanos, sem prejuízo e sem se esquecer de louvar o notável trabalho copista dos monges medievais e outras atividades de cunho cultural.

O filme de Christensen, no entanto, não aborda todo esse espectro, cingindo-se e aprofundando-se no tema explicitado no título, bastante impróprio na sua complementação brasileira, já que se concentra em determinado período da Idade Média e não *através* dos tempos.

No âmbito do assunto e nos marcos da época, efetua objetivo levantamento de sua ambiência mental e física, criando-

a cinematograficamente de maneira convincente com base em estudos específicos e, conforme acentuado por comentaristas, também nas obras dos maiores pintores que focalizaram a matéria, mesmo que indiretamente, a exemplo de Bosch, Bruegel, Cranach e Dürer.

De fenômeno amplo e abrangente que queimou vivas no decorrer de dois séculos oito milhões de vítimas, segundo se informa no filme, Christensen dedica-se principalmente a acompanhar, desde a origem, todo o processo inquisitorial em suas fases de acusação, interrogatórios (consistentes em impiedosas e temíveis torturas mentais e físicas), até a consumação final, da qual não escapou nem a posteriormente canonizada santa católica Joana D'Arc.

Os métodos stalinistas, nazistas e das ditaduras do denominado (em certo período) mundo livre ocidental cristão, bem como de outros mundos a ele associados ou antípodas, possuem, pois, terríveis predecessores nos sacros tribunais inquisitoriais do medievo europeu, por sua vez, herdeiros e aperfeiçoadores de práticas milenares semelhantes.

O procedimento cinematográfico de Christensen é de absoluta perfeição. Cada cena perfaz quadro imagético dinâmico que nada fica a dever, no âmbito de sua especificidade, ao valor artístico pictórico das obras dos grandes pintores em que se inspira.

Os *décors*, a maquiagem, as vestes, os modos e maneiras das personagens remontam a mundo tenebroso no qual a força da realidade era geralmente subjugada pela imposição de ideário

coercitivo que a violentava, transformando os seres humanos em simples objetos do poder exercido na prática por meio de atos total e violentamente opostos aos, pelo menos divulgados, ideais de amor ao próximo, mansidão, paz, compreensão, consubstanciados simbolicamente em branco cordeiro e alva pomba.

A terrível metodologia empregada contra as indefesas vítimas as levavam - como sói acontecer para se verem livres (momentaneamente, pelo menos) dos atrozes sofrimentos que lhes eram infligidos - à delação de pessoas conhecidas, que, imediatamente presas e submetidas ao mesmo tratamento, acusavam outras, propiciando interminável rosário (sem alusão) de processos, torturas e condenações, de que resultaram as milhões de vítimas acima estimadas.



A perícia e contenção do filme são tão acentuadas, que em breves minutos, não mais que oitenta no total, consegue criar - e não apenas reconstituir - todo esse universo, no qual até os

mínimos detalhes refletem ou traduzem seu cerne e substância. Simples toque de mão de jovem mulher no braço de um inquisidor desencadeia sérias consequências proporcionadas e alimentadas pelo absurdo ideológico e fanático que dominava o tempo e o espaço cruzados no filme. A propriedade ficcional e imagética com que o cineasta transmite esse episódio dificilmente encontra paralelo na arte pelo poder de sua atilada construção e síntese.

Não lhe escapou também a focalização, em rápidas cenas, da angústia mental e espiritual e as obsessões e visões alucinadas reinantes nos próprios conventos católicos, tão magistralmente expostas também no filme *Madre Joana dos Anjos* (Matka Joanna od Aniolow, Polônia, 1960), de Jerzy Kawalerowicz.

A Feitiçaria Através dos Tempos constitui obra-prima da arte e da inteligência, construindo simultaneamente beleza e induzindo reflexão.

(do livro físico *Clássicos do Cinema Mudo*, 2003; e do livro eletrônico *Obras-Primas do Cinema Europeu*, dezembro 2018)

Cinema

NANOOK, O ESQUIMÓ

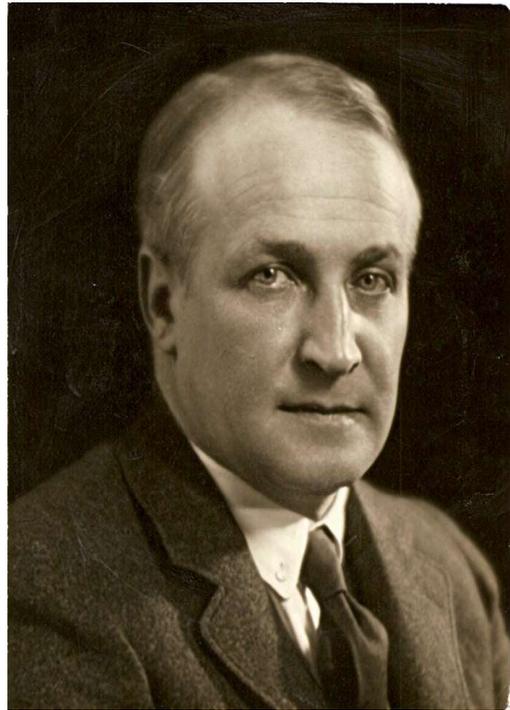
A Matéria e Seus Elementos

Com exceção do polo Sul e regiões excessivamente desérticas, o ser humano ocupou toda a área do planeta, mesmo que, por carência populacional, imensas regiões tenham sido apenas palmilhadas vez ou outra por esporádicos transeuntes.

Nessa tarefa, vocação, necessidade e/ou impulso, os indivíduos enfrentaram florestas, rios, estepes e savanas, orlas desérticas, pântanos, frio, calor, animais selvagens e variadas intempéries da natureza.

Tudo isso, porém, apequena-se diante do fenômeno esquimó. Nenhuma área, salvo as regiões centrais dos maiores desertos e os locais mais gélidos do polo Sul, que, no entanto, não são habitados, equipara-se em dificuldades e ásperas condições ao polo Norte.

Onde justamente a natureza repele a ocupação, floresceu a civilização esquimó.



ROBERT FLAHERTY

É incompreensível que essa população tenha aí se estabelecido e permanecido. Nada é tão crucial, precário e inóspito. Geleiras infindas, frio permanente, ausência de recursos naturais propiciatórios, a não ser a caça e a pesca, meros elementos de subsistência.

A capacidade de adaptação e resistência humanas ainda está para ser convenientemente esclarecida. Não valem, todavia, por frutos inverificáveis de meras elucubrações mentais, as tentativas de explicação transcendental.

O fato é que a existência nesse lugar constitui o objetivo do documentário *Nanook, o Esquimó* (*Nanook of the North*, EE.UU., 1922), de Robert Flaherty (1884-1951).

No caso deu-se que circunstâncias excepcionais de vida tiveram (e têm) não menos cinematográfica focalização (sem ou com alusão a esse mamífero).

As extensões glaciais beneficiadas pelo verão e batidas pelos ventos do norte no inverno encontram, em *Nanook*, suas primeiras e ao mesmo tempo definitivas imagens.

A beleza natural esplende no filme não como imagem artificiosa de cartão postal, porém, na sua integridade física inconspicua, na revelação de sua concreticidade, sem nenhuma manipulação ou distorção. A realidade e sua manifestação. A matéria e seus elementos. Sobre isso e nisso, o esforço humano na simples e simultaneamente complexa tarefa da sobrevivência, seu resumo e finalidade.

Face às agruras geográficas de seu *habitat*, os esquimós praticamente limitam-se a manterem-se vivos, centrando sua

lida na procura da caça (principalmente focas e morsas) e da pesca. Nos entrepostos comerciais trocam peles por produtos.

Essa existência árdua reflete-se em imagens tão puras como a alvura dos espaços congelados.

Paralela e simultaneamente a isso e sobre isso, o ser humano.

A naturalidade e a intensa convivência que caracterizam a apresentação e o desempenho de Nanook e sua família compõem forma e conteúdo do filme. A indissociação desses elementos e sua profunda e consistente amalgamação fundem-se num só *corpus* artístico, em transfusão integrativa eficaz, de beleza e verdade, de estética e humanismo.



Num filme onde tudo é destaque e tudo é destacável, inclusive os textos de Flaherty que explicitam as cenas, sobressai, se ainda é possível tal ocorrência, a sutil e sensível apreensão do relacionamento familiar esquimó, no qual, acima das

contingências comportamentais, avultam os aspectos positivos e invulgares de integração e adequação.

Provavelmente a dureza da vida tenha imposto e ensinado, nesse caso, ao comumente desorientado e egoísta ser humano, a necessidade de doces e espontâneos convívios familiar e comunitário de um povo que, por isso, é tido como “o mais alegre do mundo”.

(do livro físico *Clássicos do Cinema Mudo*, 2003; e do livro eletrônico *O Cinema dos EE.UU.: Obras-Primas*, agosto 2020)

Seleção de Filmes

MELHORES FILMES PROJETADOS EM UBERABA DE 1962 A 1981

Iniciada quando ainda em atividade o Cine Clube de Uberaba (1962 a 1965 aproximadamente), a Seleção dos Melhores Filmes do Ano, publicada anualmente na imprensa de Uberaba, manteve-se até 1981.

Nela, apresentada sempre por ordem de preferência, o cinema italiano alcançou onze primeiros lugares no total de vinte seleções.

Nenhum primeiro lugar obteve o cinema brasileiro, mas conseguiu inúmeras colocações e nada menos de três segundos lugares.

1962

(Seleção de Clarkson Castro Silva, Guido Bilharinho, José S. Batista de Andrade, Lincoln Carvalho e Paulo Sousa Lima)

- 1 – **A Doce Vida** (La Dolce Vita), de Federico Fellini – Itália
- 2 – **Rocco e Seus Irmãos** (Rocco i Suio Fratelli), de Luchino Visconti – Itália

- 3 – **A Balada do Soldado** (Ballada o Soldate), de Grigori Tchoukhrai ou Chukhrai – União Soviética
- 4 – **Um Rei em Nova Iorque** (A King in New York), de Charles Chaplin – Grã-Bretanha
- 5 – **De Crápula a Herói** (Il Generale Della Rovere), de Roberto Rossellini – Itália
- 6 – **O Belo Antônio** (Il Bell'Antonio), de Mauro Bolognini – Itália
- 7 – **Fortunella** (Fortunella), de Eduardo de Felippo – Itália
- 8 – **O Sol Por Testemunha** (Plein Soleil), de René Clement – França
- 9 – **Duas Mulheres** (La Ciociara), de Victorio de Sica – Itália
- 10 – **Os Mil Olhos do Dr. Mabuse** (Die Tausend Augen des Dr. Mabuse), de Fritz Lang – Alemanha.

1963

(Seleção de Guido Bilharinho, José S. Batista de Andrade, Lincoln Carvalho e Paulo Sousa Lima)

- 1 – **A Noite** (La Notte), de Michelangelo Antonioni – Itália
- 2 – **Amantes e Adolescentes** (I Dolci Inganni), de Alberto Lattuada – Itália
- 3 – **Quando a Vida é Cruel** (Something Wild), de Jack Garfein – Estados Unidos
- 4 – **Sangue Sobre a Neve** (The Savage Innocents), de Nicholas Ray – Estados Unidos

- 5 – **O Homem Que Matou o Fascínora** (The Man Who Shot Liberty Valance), de John Ford – Estados Unidos
- 6 – **Divórcio à Italiana** (Divorzio Alla Italiana), de Pietro Germi – Itália
- 7 – **A Longa Noite de Loucuras** (La Notte Brava), de Mauro Bolognini – Itália
- 8 – **Oito Vítimas** (Kind Hearts and Coronets), de Robert Hamer – Grã-Bretanha
- 9 – **Clamor do Sexo** (Splendor in the Grass), de Elia Kazan – Estados Unidos
- 10 – **O Homem de Alcatraz** (The Birdman of Alcatraz), de John Frankenheimer – Estados Unidos.

1964

(Seleção de César Vanucci, Guido Bilharinho, José S. Batista de Andrade, Lincoln Carvalho e Paulo Sousa Lima)

- 1 – **Quatro Dias de Rebelião** (Le 4 Giornate di Napole), de Nanni Loy – Itália
- 2 – **Minha Esperança é Você** (A Child is Waiting), de John Cassavetes – Estados Unidos
- 3 – **Tudo Começou Num Sábado** (Saturday Night and Sunday Morning), de Karel Reisz – Grã-Bretanha
- 4 – **Os Pássaros** (The Birds), de Alfred Hitchcock – Estados Unidos

- 5 – **O Condenado de Altona** (Sequestrati di Altona), de Victorio de Sica - Itália
- 6 – **Infâmia** (The Children's Hour), de William Wyler – Estados Unidos
- 7 – **Uma Vida Difícil** (Una Vita Difficile), de Dino Risi – Itália, empatado com **O Milagre de Ana Sullivan** (The Miracle Worker), de Artur Penn – Estados Unidos
- 8 – **Uma Mulher é... Uma Mulher** (Une Femme est Une Femme), de Jean-Luc Godard - França
- 9 – **O Juízo Universal** (Il Giudizio Universale), de Victorio de Sica – Itália, empatado com **A Um Passo da Liberdade** (Le Trou), de Jacques Becker - França
- 10 – **A Travessia de Paris** (La Traverseé de Paris), de Claude-Autan Lara – França, empatado com **Pelos Bairros do Vício** (Walk on the Wild Side), de Edward Dmytrick – Estados Unidos.

1965

(Seleção de Guido Bilharinho, José S. Batista de Andrade, Lincoln Carvalho, Luís Rossetti e Paulo Sousa Lima)

- 1 – **Oito e Meio** (Otto e Mezzo), de Federico Fellini – Itália
- 2 – **Morangos Silvestres** (Smulstronstallet), de Ingmar Bergman – Suécia
- 3 – **O Eclipse** (L'Eclisse), de Michelangelo Antonioni – Itália

- 4 – **Electra, a Vingadora** (Electra), de Michael Cacoyannis – Grécia
- 5 – **A Fonte da Donzela** (Jungfrukallan), de Ingmar Bergman - Suécia
- 6 – **O Bandido Giuliano** (Salvatore Giuliano), de Francesco Rosi – Itália
- 7 – **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, de Gláuber Rocha – Brasil
- 8 – **Dois Destinos** (Cronaca Familiare), de Valério Zurlini – Itália
- 9 – **Verão Violento** (Estate Violenta), de Valério Zurlini – Itália
- 10 – **Sempre Aos Domingos** (Les Dimanches de Ville d'Avray), de Serge Bourguignon – França.

1966

(Seleção de Guido Bilharinho, Lincoln Carvalho, Luís Rossetti e Paulo Sousa Lima)

- 1 – **O Grito** (Il Grido), de Michelangelo Antonioni – Itália
- 2 – **Viridiana** (Viridiana), de Luis Buñuel - Espanha
- 3 – **As Aventuras de Tom Jones** (Tom Jones), de Tony Richardson – Grã-Bretanha
- 4 – **Os Companheiros** (I Compagni), de Mário Monicelli – Itália
- 5 – **Kozara, a Montanha Heróica** (Kozara), de Veljko Bulajic – Iugoslávia.

1967

(Seleção de Clarkson Castro Silva, Guido Bilharinho, Lincoln Carvalho, Luís Rossetti e Paulo Sousa Lima)

- 1 – **O Evangelho Segundo São Mateus** (Il Vangelo Secondo Matteo), de Pier Paolo Pasolini – Itália
- 2 – **Vidas Secas**, de Néelson Pereira dos Santos - Brasil
- 3 – **A Hora e Vez de Augusto Matraga**, de Roberto Santos – Brasil
- 4 – **Aquele Que Sabe Viver** (Il Sorpasso), de Dino Risi - Itália
- 5 – **O Anjo da Morte** (Smrt si Rika Engelchen), de Ján Kadar e Elmar Klós – Checoslováquia
- 6 – **O Incrível Exército Brancaleone** (L'Armata Brancaleone), de Mário Monicelli – Itália
- 7 – **O Caso dos Irmão Naves**, de Luís Sérgio Person – Brasil
- 8 – **Menino de Engenho**, de Válter Lima Júnior – Brasil
- 9 – **O Desafio**, de Paulo César Saraceni – Brasil
- 10 – **Uma Mulher Para Dois** (Jules et Jim), de François Truffaut – França.

1968

(Seleção de Clarkson Castro Silva, Guido Bilharinho, Lincoln Carvalho e Paulo Sousa Lima)

- 1 – **A Pequena Loja da Rua Principal** (Obchod na Korze), de Ján Kadar e Elmar Klós – Checoslováquia
- 2 – **Viva a República** (At Zije Republika), de Karel Kachyna – Checoslováquia
- 3 – **Masculino-Feminino** (Masculin-Féminin), de Jean-Luc Godard – França
- 4 – **Terra em Transe**, de Gláuber Rocha – Brasil
- 5 – **Todas as Mulheres do Mundo**, de Domingos Oliveira – Brasil
- 6 – **Fahrenheit 451** (Fahrenheit 451), de François Truffaut – França
- 7 – **Fome de Amor**, de Néelson Pereira dos Santos - Brasil
- 8 – **O Homem Nu**, de Roberto Santos – Brasil
- 9 – **O Padre e a Moça**, de Joaquim Pedro de Andrade – Brasil
- 10 – **Bebel, Garota Propaganda**, de Maurice Capovilla – Brasil.



A Doce Vida



Oito e Meio



O Evangelho Segundo São Mateus

1969

(Seleção de Guido Bilharinho, Jorge Alberto Nabut,
Lincoln Carvalho e Paulo Sousa Lima)

- 1 – **A Bela da Tarde** (Belle de Jour), de Luís Buñuel – França
- 2 – **Depois Daquele Beijo** (Blow-Up), de Michelangelo Antonioni – Grã-Bretanha
- 3 – **A Mulher de Areia** (Suna no Onna), de Hiroshi Teshigahara - Japão
- 4 – **Quando Duas Mulheres Pecam** (Persona), de Ingmar Bergman – Suécia
- 5 – **Uma Rajada de Balas** (Bonnie and Clyde), de Arthur Penn – Estados Unidos
- 6 – **O Bandido da Luz Vermelha**, de Rogério Sganzerla – Brasil
- 7 – **São Paulo Sociedade Anônima**, de Luís Sérgio Person – Brasil
- 8 – **O Homem do Prego** (The Pawnbroker), de Sidney Lumet – Estados Unidos
- 9 – **Romeu e Julieta** (Romeo e Giulietta), de Franco Zeffirelli – Itália
- 10 – **Os Bravos da Arena** (Il Momento della Verità), de Francesco Rosi – Itália.

1970

(Seleção de Guido Bilharinho, Jorge Alberto Nabut,
Lincoln Carvalho e Paulo Sousa Lima)

- 1 – **Sem Destino** (Easy Rider), de Dennis Hopper – Estados Unidos
- 2 – **Macunaíma**, de Joaquim Pedro de Andrade - Brasil
- 3 – **Memória de Helena**, de David E. Neves – Brasil
- 4 – **O Incidente** (The Incident), de Larry Peerce – Estados Unidos
- 5 – **2.001 – Uma Odisseia no Espaço** (2.001 – A Space Odyssey), de Stanley Kubrick – Estados Unidos
- 6 – **Uma Mulher Casada** (Une Femme Mariée), de Jean-Luc Godard – França
- 7 – **M.A.S.H.** (Idem), de Robert Altman – Estados Unidos
- 8 – **Copacabana me Engana**, de Antônio Carlos Fontoura – Brasil
- 9 – **O Estrangeiro** (Lo Straniero), de Luchino Visconti – Itália
- 10 – **Agora Você é Um Rapaz** (You Are a Big Boy Now), de Francis Ford Coppola – Estados Unidos.

1971

(Seleção de Carlos Roberto Lacerda, Guido Bilharinho, Jorge Alberto Nabut, Lincoln Carvalho e Mário Edson Andrade)

- 1 – **Teorema** (Teorema), de Pier Paolo Pasolini – Itália
- 2 – **O Deserto Vermelho** (Il Deserto Rosso), de Michelangelo Antonioni – Itália
- 3 – **Honibaba** (Idem), de Kineto Shindo – Japão
- 4 – **Os Deuses Malditos** (La Caduta Degli Dei), de Luchino Visconti – Itália
- 5 – **Os Herdeiros**, de Carlos Diégues – Brasil
- 6 – **Julieta dos Espíritos** (Giulietta Degli Spiriti), de Federico Fellini – Itália
- 7 – **Perdidos na Noite** (Midnight Cowboy), de John Schlesinger – Estados Unidos
- 8 – **A Dança dos Vampiros** (The Fearless Vampire Killers), de Roman Polanski – Grã-Bretanha
- 9 – **O Enterro da Caftina**, de Alberto Pieralise – Brasil
- 10 – **Brasil – Ano 2000**, de Válter Lima Júnior – Brasil.

1972

(Seleção de Carlos Roberto Lacerda, Guido Bilharinho, Jorge Alberto Nabut e Lincoln Carvalho)

- 1 – **A Paixão de Ana** (En Passion), de Ingmar Bergman – Suécia
- 2 – **Tristana** (Tristana), de Luís Buñuel – França
- 3 – **Vergonha** (Skammen), de Ingmar Bergman – Suécia

- 4 – **Mulheres Apaixonadas** (Women in Love), de Ken Russel
– Grã-Bretanha
- 5 – **Pequenos Assassinatos** (Little Murders), de Alan Arkin –
Estados Unidos
- 6 – **Pequeno Grande Homem** (Little Big Man), de Arthur
Penn – Estados Unidos
- 7 – **Queimada** (Idem), de Gillo Pontecorvo – Itália
- 8 – **Os Inconfidentes**, de Joaquim Pedro de Andrade - Brasil
- 9 – **Como Era Gostoso o Meu Francês**, de Néelson Pereira
dos Santos – Brasil
- 10 – **Os Deuses e os Mortos**, de Rui Guerra – Brasil.

1973

(Seleção de Carlos Roberto Lacerda, Guido Bilharinho, Jorge Alberto Nabut, Lincoln Carvalho e Mário Edson Andrade)

- 1 – **O Caso Mattei** (Il Caso Mattei), de Francesco Rosi – Itália
- 2 – **O Jardim dos Finzi-Contini** (Il Giardino dei Finzi-
Contini), de Victorio de Sica – Itália
- 3 – **Cabaré** (Cabaret), de Bob Fosse – Estados Unidos
- 4 – **Voar é Com os Pássaros** (Brewster McCloud), de Robert
Altman – Estados Unidos
- 5 – **Delírio de Amor** (The Music Lovers), de Ken Russel – Grã-
Bretanha

- 6 – **Quando os Homens São Homens** (McCabe and Mrs. Miller), de Robert Altman – Estados Unidos
- 7 – **Toda Nudez Será Castigada**, de Arnaldo Jabor – Brasil
- 8 – **Cassi Jones – O Magnífico Sedutor**, de Luís Sérgio Person – Brasil
- 9 – **Investigação de Um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita** (Indagine su un Cittadino al di Sopra de Ogni Sospetto), de Elio Petri – Itália
- 10 – **O Homem de la Mancha** (Man of la Mancha), de Arthur Hiller – Estados Unidos.

1974

(Seleção de Carlos Roberto Lacerda, Guido Bilharinho, Jorge Alberto Nabut, Lincoln Carvalho e Mário Edson Andrade)

- 1 – **O Discreto Charme da Burguesia** (Le Charme Discret de La Bourgeoisie), de Luís Buñuel – França
- 2 – **O Conformista** (Il Conformista), de Bernardo Bertolucci – Itália
- 3 – **Vai Trabalhar Vagabundo**, de Hugo Carvana – Brasil
- 4 – **A Noite Americana** (La Nuit Americaine), de François Truffaut – França
- 5 – **Ardil 22** (Catch 22), de Mike Nichols – Estados Unidos
- 6 – **Rainha Diaba**, de Antônio Carlos Fontoura – Brasil
- 7 – **Pele de Asno** (Peau d'Âne), de Jacques Demy – França

8 – **O Sistema** (The Glass House), de Tom Gries – Estados Unidos.

1975 a 1981

(Seleção anualmente realizada por Carlos Roberto Lacerda, Demilton Dib, Guido Bilharinho, Jorge Alberto Nabut e Lincoln Carvalho)

1975

- 1 – **A Última Sessão de Cinema** (The Last Picture Show), de Peter Bogdanovich – Estados Unidos
- 2 – **O Amuleto de Ogum**, de Néelson Pereira dos Santos – Brasil
- 3 – **Encurralado** (Duel), de Steven Spielberg – Estados Unidos
- 4 – **Assim Fala o Amor** (Minnie and Moskowitz), de John Cassavetes – Estados Unidos
- 5 – **Loucura de Verão** (American Graffiti), de George Lucas – Estados Unidos
- 6 – **A Estrela Sobe**, de Bruno Barreto – Brasil
- 7 – **MacBeth** (Idem), de Roman Polanski – Estados Unidos
- 8 – **Chinatown** (Chinatown), de Roman Polanski – Estados Unidos
- 9 – **Lua de Papel** (Paper Moon), de Peter Bogdanovich – Estados Unidos
- 10 – **O Dorminhoco** (Sleeper), de Wood Allen – Estados Unidos.

1976

- 1 – **Amarcord** (Idem), de Federico Fellini – Itália
- 2 – **Cenas de Um Casamento** (Scener ur ett Äktenskap), de Ingmar Bergman – Suécia
- 3 – **Roma** (Idem), de Federico Fellini – Itália
- 4 – **Giordano Bruno** (Idem), de Giuliano Montaldo – Itália
- 5 – **A História de Adele H.** (L'Histoire de Adele H.), de François Truffaut – França
- 6 – **A Conversação** (The Conversation), de Francis Ford Coppola – Estados Unidos
- 7 – **Alice Não Mora Mais Aqui** (Alice Doesn't Live Here Anymore), de Martin Scorsese – Estados Unidos
- 8 – **Guerra Conjugal**, de Joaquim Pedro de Andrade – Brasil
- 9 – **Um Estranho no Ninho** (One Flew Over the Cuckoo's Nest), de Milos Forman – Estados Unidos
- 10 – **O Jovem Frankenstein** (Young Frankenstein), de Mel Brooks – Estados Unidos.

1977

- 1 – **O Passageiro, Profissão Repórter** (The Passenger), de Michelangelo Antonioni – Itália
- 2 – **Barry Lyndon** (Idem), de Stanley Kubrick – Estados Unidos
- 3 – **A Última Noite de Boris Grushenko** (Love and Death), de Woody Allen – Estados Unidos

- 4 – **O Dia do Gafanhoto** (The Day of the Locust), de John Schlesinger – Estados Unidos
- 5 – **À Flor da Pele**, de Francisco Ramalho – Brasil
- 6 – **Xica da Silva**, de Carlos Diégues – Brasil
- 7 – **Taxi Driver** (Idem), de Martin Scorsese – Estados Unidos.

1978

- 1 – **Violência e Paixão** (Gruppo de Famiglia in Un Interno), de Luchino Visconti – Itália
- 2 – **Face a Face** (Ansiktet Mot Ansiktet), de Ingmar Bergman – Suécia
- 3 – **Na Idade da Inocência** (l'Argent de Poche), de François Truffaut – França
- 4 – **Chuvas de Verão**, de Carlos Diégues – Brasil
- 5 – **Solaris** (Idem), de Andrei Tarkovski – União Soviética
- 6 – **Nashville** (Idem), de Robert Altman – Estados Unidos
- 7 – **Marília e Marina**, de Luís Fernando Goulart – Brasil
- 8 – **Noivo Neurótico, Noiva Nervosa** (Annie Hall), de Woody Allen – Estados Unidos
- 9 – **Pasqualino Sete Belezas** (Pasqualino Settebellezze), de Lina Wertmüller – Itália
- 10 – **O Inquilino** (Le Locataire), de Roman Polanski – França.

1979

- 1 – **Laranja Mecânica** (A Clockwork Orange), de Stanley Kubrick – Grã-Bretanha
- 2 – **O Último Tango em Paris** (Ultimo Tango a Parigi), de Bernardo Bertolucci – Itália
- 3 – **O Espírito da Colmeia** (El Espiritu de la Colmena), de Victor Erice – Espanha
- 4 – **O Expresso da Meia-Noite** (Midnight Express), de Alan Parker – Estados Unidos
- 5 – **Interiores** (Interiors), de Woody Allen – Estados Unidos
- 6 – **Equus** (Idem), de Sidney Lumet – Estados Unidos
- 7 – **À Procura de Mr. Goodbar** (Looking for Mr. Goodbar), de Richard Brooks – Estados Unidos
- 8 – **Esposamante** (Mogliamante), de Marco Vicario – Itália
- 9 – **Eu Estou Com Medo** (Io ho Paura), de Damiano Damiani – Itália
- 10 – **Salão Kitty** (Salon Kitty), de Tinto Brass – Alemanha/Itália.

1980

- 1 – **Providence** (Idem), de Alain Resnais – França
- 2 – **O Sétimo Selo** (Det Sjunde Inseglet), de Ingmar Bergman – Suécia
- 3 – **Pai Patrão** (Padre Padrone), de Paolo e Vittorio Taviani – Itália

- 4 – **Z** (Idem), de Costa-Gavras – França
- 5 – **Bye Bye Brasil**, de Carlos Diégues – Brasil
- 6 – **Nosferato, O Vampiro da Noite** (Nosfétaru, Phantom der Nacht), de Werner Herzog – Alemanha
- 7 – **Cria Cuervos** (Idem), de Carlos Saura – Espanha
- 8 – **Dersu Uzala** (Idem), de Akira Kurosawa – Japão
- 9 – **O Show Deve Continuar** (All That Jazz), de Bob Fosse – Estados Unidos
- 10 – **La Luna** (Idem), de Bernardo Bertolucci – Itália.

1981

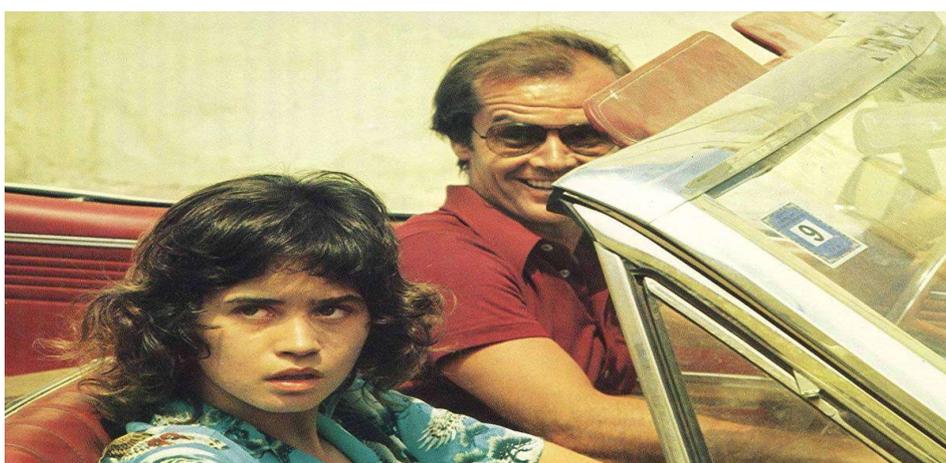
- 1 – **Gritos e Sussuros** (Viskningar Och Rop), de Ingmar Bergman – Suécia
- 2 – **Corações e Mentes** (Hearts and Minds), de Peter Davis – Estados Unidos
- 3 – **Decameron** (Il Decamerone), de Pier Paolo Pasolini – Itália
- 4 – **Música e Fantasia** (Allegro Non Troppo), de Bruno Bozzetto – Itália, empatado com **Atas de Marusia** (Actas de Marusia), de Miguel Littin – Chile
- 5 – **1900** (Novecento), de Bernardo Bertolucci – Itália
- 6 – **Casanova** (Idem), de Federico Fellini – Itália
- 7 – **O Império dos Sentidos** (Ai no Korida), de Nagisa Oshima – Japão
- 8 – **O Amor e a Vida de Artur Rubinstein** (L'Amour de la Vie: Arthur Rubinstein), de François Reichenbach – França
- 9 – **Flash Gordon** (Idem), de Mike Hodges – Estados Unidos
- 10 – **Estado de Sítio** (État de Siège), de Costa-Gavras – França.



Sem Destino



O Discreto Charme da Burguesia



O Passageiro, Profissão Repórter

(do livro físico *Informação Sobre Uberaba*, 2016)

Ficção

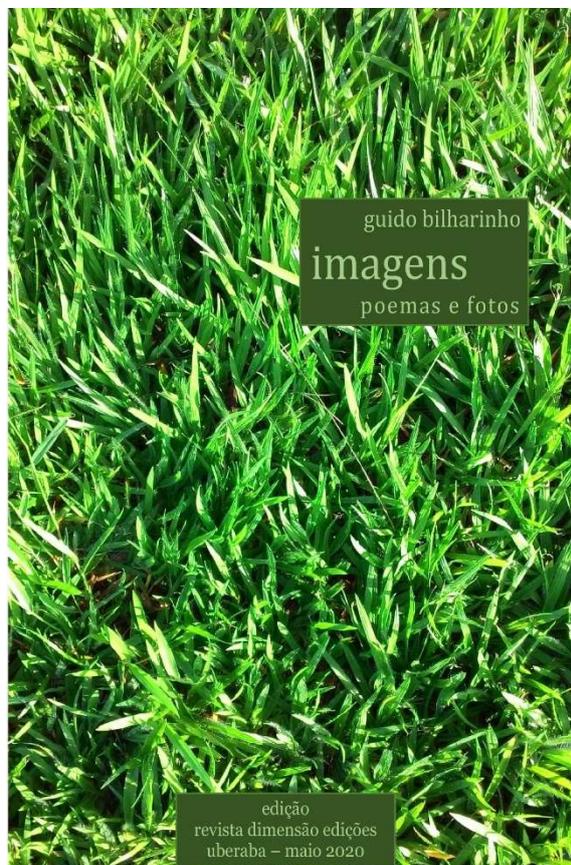
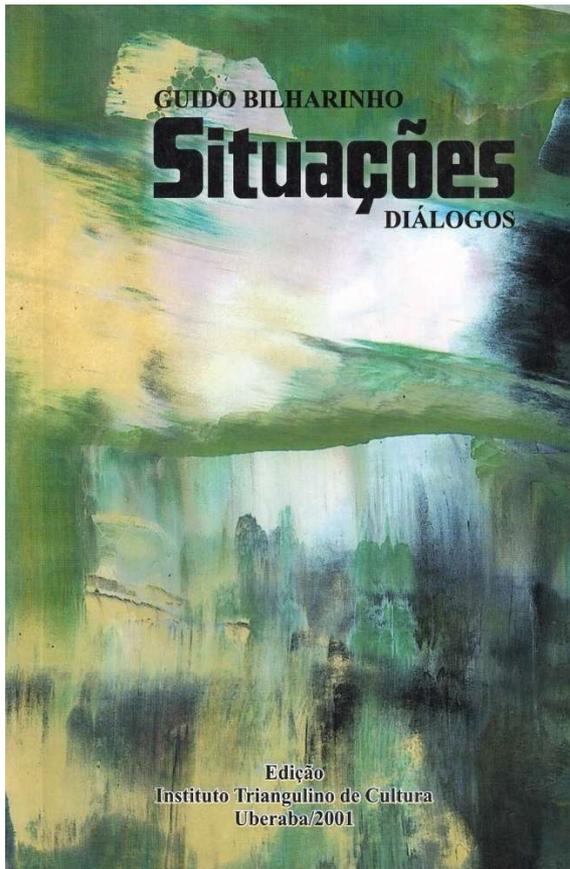
MISTÉRIO II

- Que faz aqui?
- Aqui?
- É. Como apareceu?
- Naturalmente.
- Como assim?
- Como sempre faço nessas ocasiões. Simplesmente entrei.
- Mas, não pode!
- Por quê?
- Não pode aparecer assim, de repente, sem mais nem menos, em pleno elevador.
- Posso, tanto que estou aqui.
- Disso não tenho dúvida.
- E então?
- O problema é como conseguiu.
- Já lhe disse, simplesmente entrando.
- Você não entrou. Surgiu de repente dentro do elevador.
- De um jeito ou de outro, o fato é que estou aqui.
- O problema é justamente esse.
- Mas, é a realidade.
- A questão não é essa.
- Qual é?

- Como pode entrar sem passar pela porta, com o elevador movendo-se?
- Mas, passei pela porta.
- Pode até ser. Porém, ela está cerrada. E olhe que é porta de elevador!
- Isso não é obstáculo.
- Não?
- Não.
- Qualquer porta fechada o é, quanto mais porta de elevador em movimento.
- Para você não é não.
- Para mim?!
- É. Para você.
- Só faltava essa. Quem entrou com a porta fechada foi você e ainda diz que para mim é que é fácil fazer isso?
- Não disse que você o fez.
- Não disse?
- Não.
- Mas, acabou de dizer. Ou se enganou e quis se referir a você?
- Não, é a você mesmo.
- Não dá para entender. Primeiro, você surge de repente no elevador, vindo não sei de onde. Depois, afirma que para mim é que é fácil fazer uma coisa dessas.
- E é.
- Não dá mesmo para entender mais nada. A situação é absurda, caótica, impossível.

- Absolutamente.
- Então que é? Como se explica?
- Sua imaginação.

(do livro físico *Situações*, 2001)



Poesia

desilusão

visões corpos
e folhas

tarde o poen
te formas

enigmas misté
rios e mortes

artifícios e flo
res nuances

mar e gaivo
tas lâminas

(do livro eletrônico *Imagens*, 2020)

Indicações

(Indications)

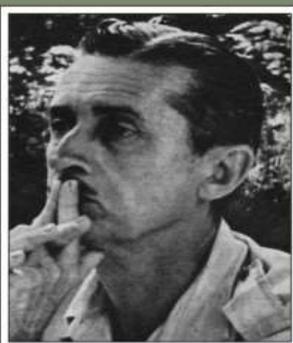
**ACESSO, LEITURA, IMPRESSÃO E
COMPARTILHAMENTO LIVRES E GRATUITOS**

**FREE AND GRATUITY ACCESS, READING, PRINTING
AND SHARING**

GRANDES CINEASTAS (IV)

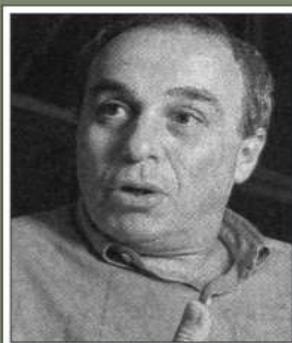
(LIVRO FÍSICO)

ENSAIOS DE CRÍTICA
CINEMATOGRAFICA



GUIDO BILHARINHO

SEIS CINEASTAS BRASILEIROS



EDIÇÃO
INSTITUTO TRIANGULINO DE CULTURA
UBERABA/BRASIL
2012

MÁRIO PEIXOTO – HUMBERTO MAURO – NÉLSON
PEREIRA DOS SANTOS – GLÁUBER ROCHA – PAULO
CÉSAR SARACENI – JÚLIO BRESSANE

LANÇAMENTOS! (RELEASES!)



BLOG: <https://guidobilharinho.blogspot.com/>



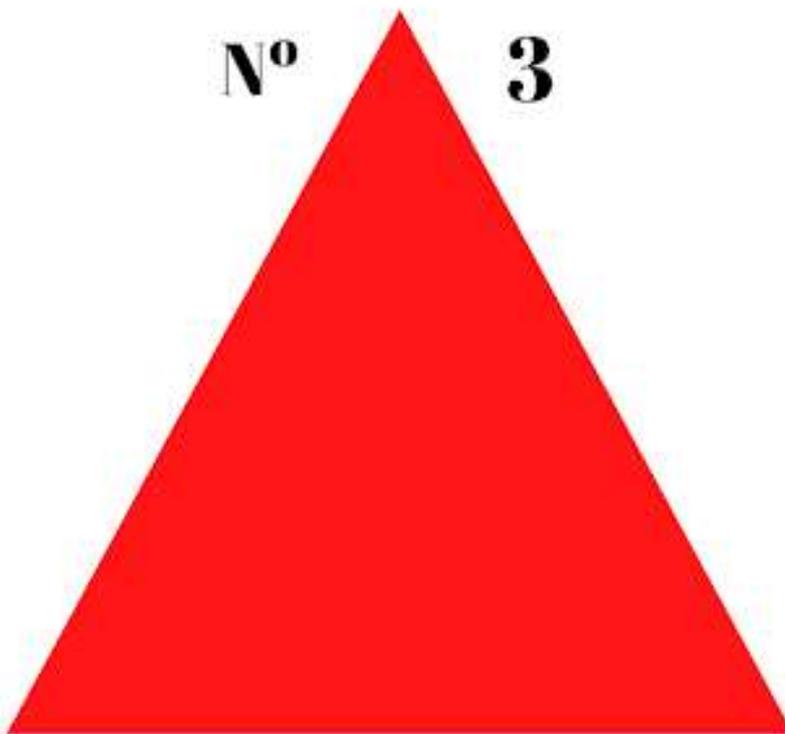
BLOG: <https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com/>



**OBRAS DE GUIDO BILHARINHO
ESTUDOS REGIONAIS**

**UBERABA/BRASIL
1º TRIMESTRE 2022**

Nº 3



**EDITOR
GUIDO BILHARINHO
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
GABRIELA RESENDE FREIRE**

BLOG: <https://revistaregionalnexus.blogspot.com/>

BLOGS CULTURAIS

BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

UM LIVRO POR MÊS (DESDE SETEMBRO/2017)

57 VOLUMES EDITADOS

LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL – TEMAS
REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS

<http://guidobilharinho.blogspot.com/>

DIMENSÃO – Revista Internacional de Poesia

(1980 a 2000)

Coleção Completa - 635 poetas de 31 países

Índices Onomásticos - Repercussão da Revista

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br/>

BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

34 Volumes Editados

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO - HISTÓRIA -
ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE
- SISTEMA FLUVIAL - TEATRO - BIBLIOGRAFIA

AUTORES UBERABENSES

7 Livros Publicados

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

POESIA – BIOGRAFIA – ARTIGOS – ENSAIOS - TEATRO

Revista PRIMAX

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

Revista NEXOS

<https://revistaregionalnexus.blogspot.com/>